

O espaço de sinalização na libras tátil

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i1.3333>

Émile Assis Miranda Oliveira¹
Adriana Stella Cardoso Lessa-de-Oliveira²

Resumo

Este trabalho se propõe a investigar o espaço de sinalização na língua brasileira de sinais na modalidade tátil, conhecida como libras tátil, utilizada pela comunidade surdocega brasileira. O espaço de sinalização é o espaço tridimensional onde os sinais são realizados. Para as pessoas surdocegas, os sinais precisam ser realizados ao alcance das suas mãos, a fim de que sejam tocados e decodificados pela via do tato. O objetivo desta pesquisa é o de verificar se o uso do espaço de sinalização na libras tátil se caracteriza ou não como o da libras. O *corpus* da pesquisa foi constituído de amostras de libras tátil registradas em vídeos disponíveis no YouTube. Observamos na libras tátil a existência de uma redução do espaço de sinalização decorrente do efeito de modalidade. Os resultados deste estudo indicam ocorrência de alterações articulatórias em sinais da libras tátil devido aos efeitos desse tipo de modalidade.

Palavras-chave: libras tátil; espaço de sinalização; libras.

1 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Jequié, Bahia, Brasil; emile.assis@uesb.edu.br; <https://orcid.org/0000-0003-4862-1781>

2 Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; adriana.lessa@uesb.edu.br; <https://orcid.org/0000-0003-1524-8386>

The signal space at Tactile Libras

Abstract

This work proposes to investigate the signaling space in the Brazilian Sign Language in the tactile modality, known as Tactile Libras, used by the Brazilian deafblind community. The signaling space is the three-dimensional space where signals are performed. For people who are deafblind, signs need to be made within reach of their hands, so that they can be touched and decoded by touch. The objective of this research is to verify if the use of the signaling space in Tactile Libras is characterized or not as that of Libras. The research *corpus* consisted of Tactile Libras samples recorded in videos available on YouTube. We observe in Tactile Libras the existence of a reduction in the signaling space resulting from the modality effect. The results of this study indicate the occurrence of articulatory alterations in Tactile Libras signs due to the effects of this type of modality.

Keywords: Tactile Libras; signal space; Libras.

Introdução

Este trabalho teve por objetivo investigar o espaço de sinalização da língua brasileira de sinais de modalidade tátil, conhecida como libras tátil, sendo este um recorte de um estudo mais amplo³ sobre essa modalidade de língua, a qual é utilizada pela comunidade surdocega brasileira. Esse tipo de pesquisa se justifica com base nas demandas sociais relativas à surdocegueira e à grande carência de estudos acadêmicos sobre as línguas de sinais táteis.

Esta é uma pesquisa qualitativa e de caráter descritivo, na qual utilizamos como embasamento teórico estudos realizados por: Almeida (2015), Collins e Petronio (1998), Quadros e Karnopp (2004), Raanes (2006, 2011), Prado (2014), Araújo (2016) e Canuto *et al.* (2019).

É pertinente ressaltar que a surdocegueira é uma condição humana única gerada pela perda sensorial conjunta da visão e da audição (ALMEIDA, 2015), isto é, não se trata de uma simples junção de surdez mais cegueira. Trata-se, sim, de um tipo de situação comunicativa humana em que a ausência da visão e da audição gera uma nova condição peculiar à percepção do mundo, para a comunicação e para a realização de uma língua, que, inclusive, circunscreve-se em uma nova modalidade – a tátil. Por assumir essa perspectiva de análise, adotamos a grafia da palavra surdocegueira sem o acréscimo do hífen, conforme outros autores como Lagati (2002 [1995]) e Almeida (2015).

3 Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, ainda em andamento, cujos objetivos e resultados, até o momento alcançados, englobam vários outros aspectos não tratados no âmbito deste artigo.

Assim, compreendendo a surdocegueira enquanto uma condição única, procuramos focalizar os impactos específicos de uma modalidade linguística articulada gestualmente e decodificada por meio do canal do tato sobre o uso do espaço de sinalização. Partiremos do pressuposto de que a modalidade gesto-tátil deva gerar efeitos linguísticos sobre a libras tátil, sobre os quais discorreremos neste artigo, enfocando eventuais modificações no uso do espaço de sinalização.

O espaço de sinalização também é denominado pelos estudiosos da libras como 'espaço neutro' ou 'espaço de enunciação'. Esse espaço é tridimensional e localiza-se à frente do corpo do emissor (QUADROS; KARNOPP, 2004). Conforme Ferreira-Brito (2010), esse é um espaço finito, que delimita as locações possíveis nas línguas de sinais (LSs).

Este artigo está organizado da seguinte forma: a primeira seção discorre sobre a surdocegueira e as singularidades geradas pela perda sensorial dupla. Na seção seguinte, tratamos do sistema linguístico da libras na modalidade tátil. Na penúltima seção, apresentamos, de maneira breve, alguns dados a partir dos quais verificamos os efeitos da modalidade tátil na libras tátil provenientes da redução do espaço de sinalização, bem como os efeitos da modalidade tátil refletidos na substituição de elementos não manuais (expressões faciais e corporais) por outras estratégias. E finalizamos, retomando, na última seção, os resultados que indicam diferenças entre certos sinais da libras e libras tátil provenientes dos efeitos da modalidade tátil sobre a língua sinalizada.

A surdocegueira e o recorte deste estudo

A surdocegueira apresenta diferentes graus, não sendo considerado surdocego apenas o indivíduo de perda total dos sentidos distais. Dependendo do período de acometimento da surdocegueira, podemos classificá-la em congênita, quando ocorre no período pré-natal, peri-natal ou pós-natal (antes da aquisição da linguagem), ou adquirida, quando ocorre após a aquisição de uma língua, seja ela oral ou de sinais (GALVÃO, 2010).

Os diferentes tipos de surdocegueira geram também uma heterogeneidade comunicativa, sendo algumas das formas idiossincráticas, devido a especificidades muitas vezes particulares, relativamente às condições de cada surdocego. O profissional que atua na mediação comunicacional envolvendo pessoas surdocegas, o chamado de guia-intérprete, precisa lidar com essa heterogeneidade e idiossincrasias, tornando-se, além do mediador da comunicação, também um verdadeiro guia, ou seja, esse profissional atua na mediação do surdocego com o ambiente a sua volta. Em seu trabalho, Dorado (2004) elenca diferentes possibilidades comunicacionais, as quais apresentam como ponto de convergência o uso do tato para sua recepção.

Entre as diferentes possibilidades comunicacionais elencadas por essa autora estão as que envolvem a língua oral, por exemplo: o *Tadoma*, que é um tipo de interação

comunicativa que se dá quando a língua oral articulada pelo interlocutor é percebida pelo toque das mãos do surdocego sobre a boca do emissor; e a *Fala ampliada*, quando o interlocutor fala próximo ao ouvido do surdocego, o qual ainda possui resíduos auditivos. Ainda envolvendo a língua oral, a autora informa que a escrita também é utilizada para a comunicação entre surdocegos por meio dos métodos da *Escrita na palma da mão* e da *Escrita braille*, por exemplo.

No caso de surdocegueira congênita ou adquirida por indivíduos surdos que tiveram a oportunidade de adquirir uma língua sinalizada antes de se tornarem surdocegos, os modos de comunicação utilizados se baseiam em sistemas não-alfabéticos (DORADO, 2004), os quais são consideradas como algumas das formas mais eficazes e rápidas de comunicação com as pessoas surdocegas (CADER-NASCIMENTO; COSTA, 2010). No Brasil, portanto, onde a língua de sinais falada pelos surdos é a libras, empregam-se as terminologias *libras em campo reduzido* para surdocegos que têm resíduos visuais, e a *libras tátil*, para surdocegos que já não conseguem identificar os sinais visualmente.

Podemos dizer que o chamado “efeito de modalidade” pode interferir em cada um desses tipos comunicativos utilizados por surdocegos, determinando vários aspectos da comunicação. Assim, as modalidades específicas da comunicação dos surdocegos podem interferir em questões relativas à enunciação, bem como à estrutura gramatical, impactando processos tais como o da aquisição da linguagem, entre outros. Temos, sem dúvida, um vasto e complexo campo de investigação sobre esse tema, que exige que façamos um recorte metodológico de modo a abordar um desses tipos comunicativos e apenas alguns dentre os vários aspectos que caracterizam esse modo de comunicação. Nesse sentido, o presente estudo se propõe a refletir especificamente sobre a libras tátil, com foco em aspectos relacionados ao espaço da sinalização.

A libras tátil: “comunicação a quatro mãos”

Segundo Dalum (*apud* RAANES, 2011, p. 58, tradução nossa⁴), “quando duas pessoas surdocegas se comunicam por meio da língua de sinais tátil, é na maioria dos casos a quatro mãos”, fato que é justificado pelo autor pela proximidade entre os interlocutores. Essa citação chama a atenção para uma característica da libras tátil que já indica, a nosso ver, um aspecto relevante sobre o efeito da modalidade tátil em línguas sinalizadas. A libras, que é a língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira, constitui-se em uma modalidade comunicativa gesto-visual, por ser articulada gestualmente e percebida pela visão. Trata-se de uma língua que se caracteriza por ser natural e autônoma (GESSER, 2009). A libras também é comumente considerada como uma das línguas da comunidade surdocega brasileira. No entanto, para os indivíduos que eram surdos e vão

4 No original: “Når to døvblindeblevne kommunikerer gennem taktilt tegnsprog, foregår det i langt de fleste tilfælde firhendig”.

progressivamente perdendo os resíduos visuais e se tornando surdocegos, a modalidade comunicativa da libras altera-se do canal gesto-visual para o canal gesto-tátil, gerando especificidades na percepção dos sinais e alterando componentes linguísticos da língua sinalizada que utilizam. No caso da libras, essa passa então a se chamar libras tátil.

Conforme pesquisa realizada por Oliveira e Lessa-de-Oliveira (2020), a maioria dos pesquisadores na área da surdocegueira referem-se à libras tátil como uma adaptação da libras, uma vez que consideram que a diferença entre ambas se restringe à mudança da percepção dos sinais, que deixa de ser visual e passa a ser tátil. No entanto, no nosso entender, é plausível levantar-se a hipótese de que o efeito de modalidade tátil pode atuar nessa forma de comunicação, promovendo a emergência de um tipo de sistema linguístico diferente da língua de sinais visual, em níveis mais complexos do que um simples processo de adaptação. Assim, entendemos que se fazem necessários estudos linguísticos específicos sobre a gramática⁵ da libras tátil de modo a elucidar essa questão. De fato, como constatam Gabarró-López e Mesch (2020), ainda hoje há uma grande escassez de estudos linguísticos sobre as línguas de sinais na modalidade tátil.

Um ponto que consideramos importante é o fato de que, quando mudamos de uma modalidade para outra, vários elementos componentes do sistema linguístico também se alteram, com base nas possibilidades de percepção dos falantes. Assim é que verificamos que os elementos articulatórios acústicos das línguas orais precisam ser substituídos por elementos articulatórios visuais nas línguas sinalizadas para surdos, considerando-se a sua impossibilidade de percepção desses elementos acústicos, mais do que pela falta de condições para a produção de sons por esses indivíduos. O mesmo se dá na mudança da modalidade gesto-visual para a modalidade gesto-tátil das línguas de sinais: o que determina as diferenças entre essas duas modalidades está na condição de percepção das pessoas surdocegas e não na sua condição de produção, tendo em vista que o surdocego pode produzir a libras tal como as pessoas surdas (gestualmente), mas atribuem ao tato, ao invés da visão, a função de captar as informações linguísticas.

Por esse motivo, devido à condição de percepção das pessoas surdocegas, os interlocutores falantes da libras tátil se posicionam, no ato comunicativo, frontalmente ou de lado. As mãos do receptor posicionam-se sobre as mãos do emissor para decodificação dos sinais. Mesch (2001) realizou um estudo, na língua de sinais tátil sueca, sobre este posicionamento manual, o qual, segundo a autora, alterna-se para indicação da troca de turno, ou seja, o emissor posiciona as suas mãos sob as mãos do receptor, ao trocar o turno, altera-se também a posição das mãos. Geralmente, os usuários da libras tátil utilizam as duas mãos em suas interações, conforme a figura 1.

⁵ Esse termo, neste estudo, refere-se à concepção gerativista de gramática enquanto língua-l, isto é, trata-se de gramática internalizada.

Figura 1. Comunicação em libras tátil



Fonte: <https://youtu.be/1J50P3sRRv8>. Acesso em: 25 jun. 2021

Sobre os sinais das línguas de sinais táteis (LSTs), Canuto *et al.* (2019, p. 35) discorrem que:

Os sinais são os mesmos usados pela comunidade surda, porém para as pessoas com surdocegueira são feitas algumas adaptações, como a diminuição do campo de sinalização ou outras estratégias de interpretação como a Redução Articulatória, por exemplo, para que não se comprometa a agilidade de uma interpretação simultânea.

Os autores apontam, portanto, a redução articulatória e a diminuição do campo de sinalização como aspectos que sofrem alterações linguísticas na libras tátil, em comparação com a libras. A questão é que essas alterações são vistas por elas como adaptações, sem que tais diferenças sejam associadas à própria natureza do sistema linguístico. Diferentemente dessa posição, seguiremos por um caminho de investigação que explora em que medida o espaço de sinalização na libras tátil, comparativamente à libras, vai além de uma questão meramente adaptativa, podendo caracterizar-se como exclusivo desse sistema linguístico.

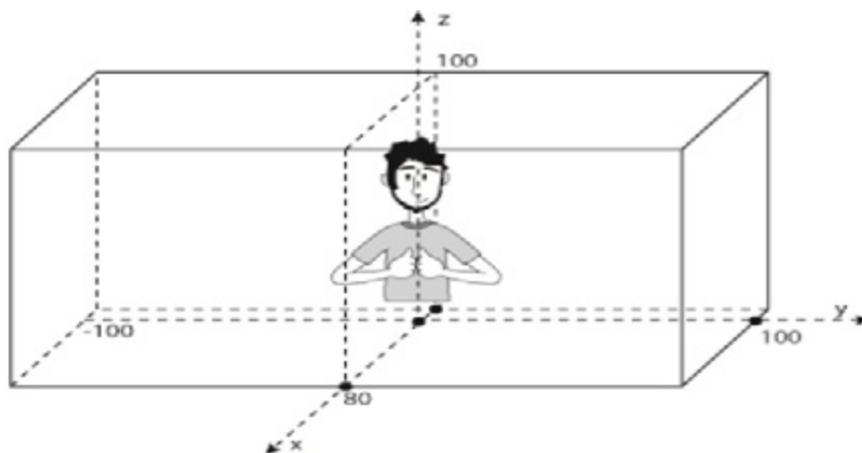
O espaço de sinalização nas línguas de sinais

O espaço de sinalização é o ambiente de produção discursiva nas línguas de sinais. Sobre a demarcação desse espaço, Marinho (2014, p. 183) afirma que ele é:

[...] compreendido pela área à volta do sinalizante e demarcado pelo alcance dos seus braços, funciona na mente do falante como um sistema de coordenadas espaciais. Ele possibilita ao sinalizante a distribuição organizada das entidades às quais ele faz referência durante o seu discurso.

A figura 2 apresenta as dimensões do espaço de sinalização proposto por Langevin e Ferreira-Brito (1988). Nela podemos observar que o espaço está localizado à frente do sinalizante e seus limites se estendem do alto da cabeça à cintura, bem como nas laterais direita e esquerda limitando-se ao alcance dos braços.

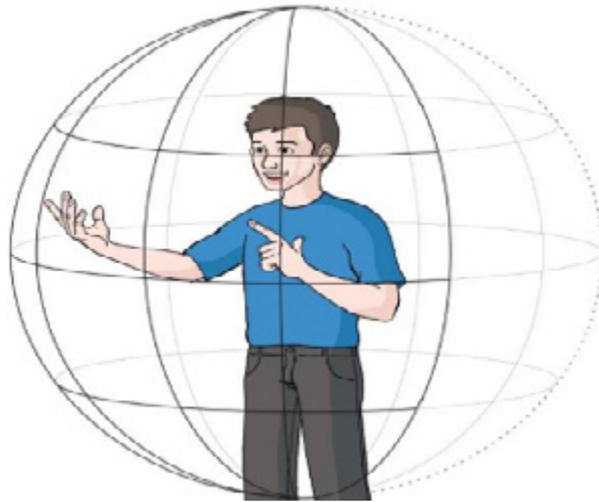
Figura 2. Espaço de sinalização na libras



Fonte: Langevin e Ferreira-Brito (1988, p. 01)

Nascimento (2009) discorda da demarcação proposta por Langevin e Ferreira-Brito (1988) para o espaço de sinalização. A autora considerou que “o ‘espaço de sinalização’ não tem quinas como tem um caixote” (*ibid.*, p. 156). Para ela, a demarcação do espaço deve ser entendida como uma esfera (ver figura 3), pois existem sinais que são articulados não apenas à frente do corpo, mas também nas costas, assim como podem localizar-se abaixo da cintura. Nascimento (2009, p. 156) considerou ainda que “no espaço de sinalização é possível representar tanto estruturas linguísticas quanto representações discursivas da LS”. Conforme Karnopp (2006, p. 39), o espaço de sinalização ou “espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados. Dentro desse [...], pode-se determinar um número finito (limitado) de pontos, que são denominados ‘pontos de articulação’”.

Figura 3. Demarcação do espaço de sinalização



Fonte: Nascimento (2009, p. 158)

Sobre o uso do espaço de sinalização na libras, Pizzio *et al.* (2009, p. 1) afirmam que:

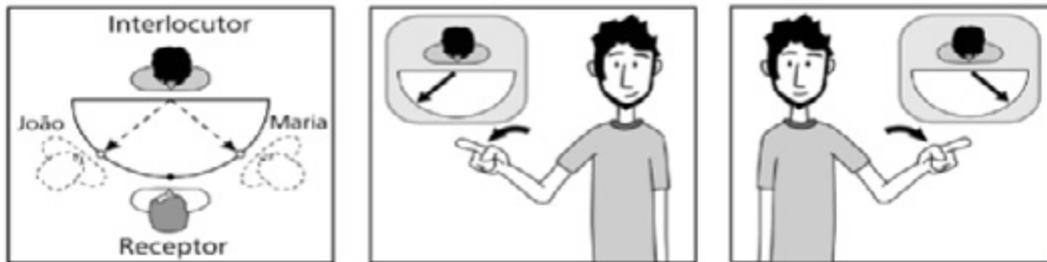
Na língua de sinais brasileira, assim como verificado na ASL (SIPLE, 1978), as relações gramaticais são especificadas através da manipulação dos sinais no espaço. As sentenças ocorrem dentro de um espaço definido na frente do corpo, consistindo de uma área limitada pelo topo da cabeça e estendendo-se até os quadris [...].

Por ser uma língua visual, os sinais precisam estar ao alcance da visão, restringindo o uso do campo de sinalização àquele que os olhos podem alcançar. As autoras apontam que é nesse espaço que as produções sintáticas ocorrerão. Em outras palavras, a libras caracteriza-se como uma língua tridimensional que gera uma “sintaxe espacial”, tendo em vista que “apresenta possibilidade de estabelecimento de relações gramaticais no espaço [...]” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 127). Ou seja, o sujeito e o(s) objeto(s) de um verbo, por exemplo, são identificados em pontos específicos marcados no espaço físico, os quais se inter-relacionam por meio da trajetória do movimento do verbo. Corroborando a afirmação de Quadros e Karnopp (2004), Bernardino (2012, p. 251) destacou que:

O espaço de sinalização, ou o espaço neutro, nas línguas de sinais, é utilizado para marcação e identificação dos referentes [...] Além desse uso, o espaço neutro ou a localização física à frente do sinalizador é utilizado para a realização das construções gramaticais com verbos espaciais e de concordância, e também para a realização de construções usando classificadores (CLs).

Hockett (1960), citado por Xavier (2016), lembra que uma das propriedades das línguas naturais é o deslocamento⁶. Esta propriedade é identificada nas línguas de sinais por meio do uso do espaço de sinalização, no qual é possível referenciar pessoas, tempos e espaços que não estão relacionados ao tempo presente, como mostra a figura 4.

Figura 4. Espaço de sinalização com interlocutores ausentes



Fonte: Quadros (1997, p. 52) adaptado de Lillo Martin & Klima, (1990, p. 193)

É possível observar que a compreensão do discurso estará diretamente ligada ao bom uso do espaço de sinalização. Tal fato pode ser exemplificado no contexto de uma narrativa com a referência de vários personagens que estarão dispostos no espaço de sinalização (ver figura 4). Assim, o sinalizante não pode confundir os espaços delimitados para cada referente da história, caso contrário fará interpretações equivocadas.

O uso do espaço tem sido objeto de diferentes pesquisas na libras em seus mais diferentes níveis de análise linguística (BERNARDINO, 2012; PRADO, 2014; ARAÚJO, 2016). Diferentemente de gestos soltos no ar, as línguas de sinais revelam sua complexidade em sua articulação tridimensional espacial, capaz de referenciar, marcar o tempo, bem como discutir sobre eventos passados com personagens identificados, mesmo que ausentes. Meir (2002, p. 419) *apud* Lourenço (2014), afirma que “devido à modalidade visual, cada nominal do discurso pode receber uma localização distinta e, portanto, cada localização contém informações suficientes para identificar unicamente seu referente”. A figura 5 exemplifica a referência no espaço de sinalização. Nessa figura, observamos que o autor exemplifica as referências, em libras, no espaço de sinalização. O sinalizante aponta o dedo indicador da mão direita para o dedo indicador da mão esquerda, que é o sinal que referencia uma pessoa, marcada por aquele ponto no espaço, do lado esquerdo do emissor (DIAS-JÚNIOR; SOUZA, 2017).

⁶ “Deslocamento consiste na possibilidade que as línguas têm de fazer referência a pessoas, tempos, espaços, que não apenas aqueles presentes no momento da fala”. (XAVIER, 2016, s/p).

Figura 5. Referenciação no espaço na libras



“Aquele pessoa ali do lado esquerdo”.

Fonte: Dias-Júnior e Sousa. Libras III, p. 15

O espaço de sinalização nas línguas de sinais táteis

Dando continuidade ao que discutimos, na seção anterior, sobre o papel do espaço de sinalização visual nas línguas sinalizadas, na presente seção veremos que a perspectiva desse espaço de sinalização nas línguas de sinais táteis (LSTs) se modifica para atender à condição de percepção via tato.

Ao se referir às LSTs, Raanes (2011, p. 81 e 82, tradução nossa⁷) – parafraseando Skavlan (1875) – discorre que as LSTs consistem em um: “vôo do pensamento através das mãos⁸” e que esta possui um “potencial tátil da linguagem”. Dentre os efeitos gerados pela necessidade de percepção tátil que as LSTs sofrem, destacamos a proximidade entre os interlocutores para identificação dos sinais. Tal proximidade resulta na redução da área de sinalização nessa modalidade de língua.

A compactação do espaço de sinalização já foi descrita em outras línguas de modalidade tátil. No ano de 2011, Raanes (2011, p. 54, tradução nossa⁹) realizou uma pesquisa sobre o espaço de sinalização cujo recorte foi “o uso do espaço de sinalização em língua de sinais tátil norueguesa (TNSL)”. Todos os participantes da pesquisa apresentam surdocegueira adquirida. Ele identificou que uma região do espaço tridimensional pouco usada nas línguas de sinais de modalidade visual, a região inferior do rosto, foi utilizada como espaço de enunciação, além de observar diferenças em relação aos *feedbacks* que, na modalidade tátil, precisam ser táteis ao invés de visuais. Um exemplo é o movimento

7 No original: “taktile tegnspråks potensial.”.

8 No original: “Tankens Flugt gjennom Haanden”.

9 No original: “bruken av tegnrommet i taktilt norsk tegnspråk (TNTS).”.

da cabeça em *sim* (para cima e para baixo), indicando concordância com o que está sendo dito em uma dada interlocução. Tal movimento pode ser identificado apenas pela visão, assim, para o surdocego é necessário o acréscimo desse sinal ao contexto, ou ainda pode ser utilizada a comunicação háptica ou o sistema portátil para que ele receba tal *feedback*.

Esse autor ainda identificou que “os diálogos se formam na relação entre interlocutores. O relacionamento e a negociação entre os participantes afetam a comunicação e o uso do espaço de sinalização” (RAANES, 2011, p. 81, tradução nossa¹⁰). Com isso, o autor quer dizer que a forma como os interlocutores organizam seus corpos, com maior ou menor aproximação, dependerá do nível de familiaridade/formalidade entre eles, considerando que o corpo do receptor também é tocado durante o processo comunicativo.

De acordo com Amundsen (2008, p. 4), citado por Raanes (2011, p. 57, tradução nossa¹¹), “[...] o uso ativo do espaço é uma competência absolutamente necessária no *design* de textos em línguas de sinais pelos usuários das línguas de sinais [...] o espaço é usado para estruturar textos em LS norueguesa, para formar o contexto e o significado”. Tal constatação aponta para uma semelhança entre as LSs na modalidade gesto-visual e na modalidade gesto-tátil.

Estudando a LST italiana, Checchetto e colaboradores (2018, p. 2, tradução nossa¹²) apontam que:

Na transição para a modalidade tátil, o tamanho do espaço de sinalização é frequentemente reduzido. Isso pode se depreender do fato de que sinalizadores surdocegos se comunicam mantendo contato físico constante com a mão do interlocutor, movendo-se no espaço de sinalização, o que torna a troca mais fisicamente fatigante. A redução do espaço de sinalização pode resultar na perda de informações ou em uma reconfiguração de como o espaço pode ser usado para marcar fenômenos linguísticos.

10 No original: “Dialoger blir utformet i en relasjon mellom samtalepartnere. Relasjonen og forhandlingen mellom deltagerne påvirker kommunikasjonen og bruken av tegnrommet.”.

11 No original: “[...] bruk av rommet er en helt nødvendig kompetanse i tegnspråkbrukeres utforming av tegnspråklige tekster.[...] tegnrommet brukes for å strukturere tekster i NTS, for å danne sammenheng NTS, for å danne sammenheng og mening.”.

12 No original: “In the transition toward the tactile modality, the size of the signing space is often reduced. This may depend on the fact that Deafblind signers communicate by keeping in constant physical contact with the interlocutor’s hand moving in the signing space, which makes the exchange more physically tiring. Reduction of the signing space might result in information loss or in a reconfiguration of how space can be used to mark linguistic phenomena.”.

Os autores chamam a atenção, portanto, para a possibilidade de reorganização espacial nas LSTs. Tendo em vista que, com a perda visual, elementos não manuais, tais como as expressões faciais, deixam de ser percebidos e que, conforme Araújo (2013), esses elementos são explorados no espaço de sinalização, na libras, para fins de coesão no discurso, a pessoa surdocega deve lançar mão de outras estratégias linguísticas que possam substituir esses elementos coesivos do discurso, tornando-os adequados à modalidade gesto-tátil. Nesse contexto, Mesch (2020) afirma que o uso da apontação constante no espaço será utilizada na organização dos espaços mentais¹³ nas LSTs. Em relação à perda de informações, fazem-se necessários estudos posteriores para elucidar se de fato há e, havendo, quais seriam essas perdas.

Ainda sobre “apontação” como recurso de organização espacial mental em línguas de sinais, Canuto *et al.* (2019, p. 80) reafirmam que na “Libras tátil devemos usar o espaço mental *token*¹⁴ para apontar onde estão os personagens do discurso, entidades ou coisas das quais se quer falar”, versando então que, assim como ocorrem em outras LSTs, na libras tátil a apontação será a principal forma de referência no espaço de sinalização. Finalmente, identificamos que, na libras tátil, o espaço compactado também interfere na estrutura linguística dos sinais, no entanto, este fato não constitui o foco deste trabalho, que, como mencionamos, traz apenas parte do nosso estudo¹⁵. Tomando por base os estudos acima citados, na próxima seção veremos os resultados encontrados nesta investigação.

O espaço de sinalização na libras tátil

Nesta seção, discutimos a delimitação do espaço de sinalização na libras tátil, relacionando-o ao mesmo espaço na libras. Para realização desse estudo, utilizamos amostras de libras tátil coletadas a partir de informantes surdocegos e guias-intérpretes, em contexto comunicativo espontâneo e registrados em vídeos disponíveis no YouTube. Tendo em vista a impossibilidade de perceber os sinais visualmente, surdocegos tateiam os sinais para acessar as mensagens linguísticas. Para os surdocegos congênitos, que adquiriram alguma LST, o tato será o canal de acesso à língua sinalizada desde a sua aquisição, uma vez que eles nunca tiveram acesso a esses sinais na forma visual. Já para os indivíduos com surdocegueira adquirida, esse espaço de sinalização passa a ser ressignificado, pois, ao longo da perda visual, a amplitude do espaço compacta-se ao alcance das suas mãos, conforme as figuras a seguir.

13 Para saber mais sobre os espaços mentais na libras, ver Araújo (2016).

14 Conforme Araújo (2013, p. 40), o espaço *token* “[...] é o espaço em que se quer indicar e representar as entidades sob a forma de um ponto fixo no espaço físico, são entidades ‘invisíveis’. Os personagens e as coisas são conceituais, pois as mãos é que vão assumir esses papéis.”

15 Miranda-Oliveira (2022) apresenta uma análise de dados que demonstra aspectos fonológicos e dois aspectos sintáticos em que libras e libras tátil se diferenciam devido aos efeitos de modalidade.

Figura 6. Conversação em libras e em libras tátil demonstrando redução no espaço de sinalização



Fontes: <https://www.youtube.com/watch?v=PT2j-l43eyE>
https://www.youtube.com/watch?v=Nhl_dR1r_wU&t=7s

Verificamos que, por haver uma necessidade maior de aproximação entre os interlocutores, há uma redução do espaço de sinalização, que deve limitar-se ao espaço entre as mãos do receptor ou a deslocamentos alcançáveis por essas mãos. Ainda que apresente semelhanças com o uso do espaço na libras, a redução do espaço na libras tátil impõe certos limites marcados não apenas pelo tamanho do espaço, mas principalmente pela forma de marcação e percepção dos pontos definidos nesse espaço, que agora é determinada pelas condições táteis. A figura 7 apresenta um comparativo entre o uso do espaço na libras e na libras tátil, o qual demonstra o posicionamento dos referentes de forma semelhante, entretanto dimensionado de maneira peculiar – em libras dimensionado pela visão; em libras tátil, pelas propriocepções de posição que as mãos do surdocego, dispostas no espaço, passam a ele.

Figura 7. Comparativo entre os espaços de sinalização da libras e da libras tátil



Espaço de sinalização na libras



Espaço de sinalização na libras tátil

Fontes: Dias-Júnior e Sousa. Libras III, p.15 e <https://www.youtube.com/watch?v=A3U0EWH1XuU&t=75s>

Tal constatação corrobora resultados de estudos sobre as línguas de sinais táteis norueguesa (RAANES, 2011), americana (COLLINS; PETRONIO, 1998) e australiana (WILLOUGHBY *et al.*, 2020). O espaço de sinalização ainda pode ser mais restrito

quando o sinalizante utiliza apenas uma das mãos na identificação dos sinais (COLLINS; PETRONIO,1998), conforme figura 8. Parece haver uma preferência quanto ao número de mãos utilizadas para a percepção dos sinais entre surdocegos, que varia de país para país (BONO *et al.*, 2018).

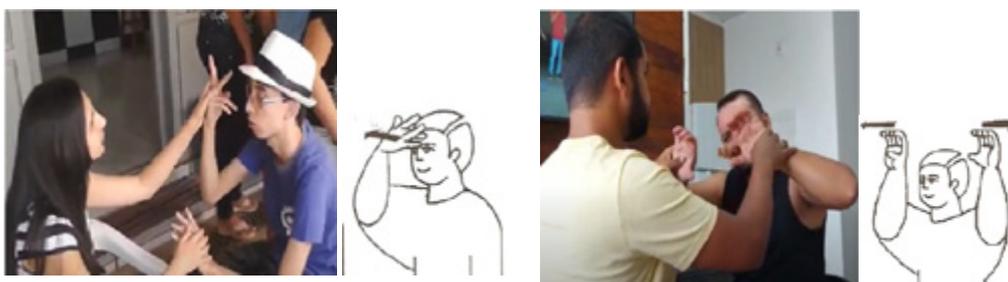
Figura 8. Percepção tátil com uma única mão



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=L2JNXjKktIE>

Encontramos em nossa investigação alteração na articulação dos sinais em decorrência da redução do espaço de sinalização na libras tátil. Citamos aqui dois exemplos dentre os vários sinais afetados por esse fenômeno, os sinais PESSOA e CÉU, conforme se verifica na figura a seguir.

Figura 9. Comparativo entre os efeitos do espaço de sinalização reduzido da libras e da libras tátil



Sinal PESSOA em libras tátil - PESSOA em libras e Sinal CÉU em libras tátil - CÉU em libras

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Nhl_dR1r_wU&feature=youtu.be / Capovilla (2001) e <https://www.youtube.com/watch?v=SXtQBtzJpGE&t=176s> /Capovilla (2001)

Observamos que, no caso do sinal PESSOA, a redução do espaço de sinalização provoca a centralização da execução do sinal entre os interlocutores, o qual passa a ser produzido no espaço neutro em libras tátil, em vez de ocorrer com o contato na testa, como em libras. Já no caso do sinal CÉU, enquanto em libras esse sinal é realizado no espaço neutro acima da cabeça do sinalizante, na libras tátil, o sinal CÉU é realizado na posição à frente do sinalizante, sem envolver referência de posição marcada em relação à cabeça desse, porque esse posicionamento das mãos acima da cabeça exigiria dos interlocutores um grande esforço para estender os braços conjuntamente. Tomando como base o modelo fonológico do sinal proposto por Lessa-de-Oliveira (2012, 2019), vimos que o que foi afetado pelo efeito de modalidade tátil foi a locação, que em libras apresenta o traço *parte do corpo – testa* e em libras tátil fica ausente, conforme a proposta dessa autora, uma vez que passa a ser realizado no espaço neutro.

Outro aspecto afetado pelo efeito de modalidade, ligado ao espaço de sinalização, que também podemos mencionar aqui, ainda que de forma breve, é a substituição de elementos não manuais (expressões faciais e corporais) por outras estratégias. Enquanto, na libras, há a possibilidade de utilização de expressões não manuais para marcação de referentes, na libras tátil tal marcação poderá ser feita por meio da apontação em espaço reduzido e ainda por meio da comunicação háptica, conforme figura 10. Segundo Bjorge e Rehder *apud* Canuto *et al.* (2019, p. 113), a comunicação háptica “[...] é um método específico de sinais de toque que se baseia em um conjunto fixo de sinais realizados de uma certa maneira e em uma ordem definida para fornecer informações visuais e ambientais e *feedback* social a um indivíduo surdocego”. Assim, a comunicação háptica pode referenciar nas costas do surdocego o posicionamento de cada referente feito no espaço de sinalização da libras, favorecendo a percepção do espaço pelo toque que substitui a visão desses indivíduos.

Figura 10. Narração em libras tátil com a referenciação por meio da comunicação háptica



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=_VVSzslxBB4

A figura 10 corresponde a um vídeo com um trecho de uma narrativa em libras tátil, em que dois guias-intérpretes atuam ao mesmo tempo, um interpretando a libras tátil e a outra, nas costas, por meio da comunicação háptica, faz a referência dos personagens da história. Ou seja, enquanto, na libras, os personagens são referenciados através de apontação com a mão, ou com expressões não manuais como direção do olhar ou do corpo, no caso da libras tátil, as expressões faciais não podem ser exploradas para essa finalidade. Daí a necessidade, na libras tátil, da adoção de uma comunicação háptica em que os pontos de referência marcados no espaço neutro passam a ser marcados nas costas do surdocego por um segundo guia-intérprete. E, no caso de se optar pela apontação no espaço neutro, essa apontação fica limitada às condições do espaço reduzido, presentes na realização de qualquer sinal.

Como viemos esclarecendo, pelos limites deste artigo, trazemos aqui apenas alguns dos aspectos afetados pelo efeito de modalidade, isto é, o uso do espaço que devido à compactação leva à alteração da locação em alguns sinais, bem como, tratamos superficialmente da utilização da comunicação háptica substituindo recursos não manuais.

Entretanto, há outras observações em investigação mais ampla, em que procuramos verificar se tais variações entre os sinais da libras e da libras tátil trazem evidências de que esses dois sistemas se constituem como duas gramáticas distintas. Com base no modelo fonológico proposto por Lessa-de-Oliveira (2012, 2019), empreendemos uma análise cujos resultados indicam que o efeito da modalidade tátil, para além dos aspectos relativos ao espaço reduzido, interfere e altera os sinais em alguns de seus elementos fonológicos formantes, em especial, a locação e as expressões faciais.

Considerações finais

Este estudo discorreu sobre o espaço de sinalização na libras tátil relacionando-o com o da libras. Identificamos que há uma compactação desse espaço na modalidade tátil, bem como que tal redução espacial, a depender do número de mãos usadas na decodificação, pode ser ainda menor. Identificamos ainda que, semelhantemente ao que ocorre na libras, a referência é feita no espaço à frente do corpo do sinalizante. No entanto, na libras tátil, devido à impossibilidade de visualização dos sinais, há diferenças em relação às marcações feitas pelos elementos não manuais da libras, que são realizadas por meio do uso constante da apontação limitada às condições do espaço reduzido e pela comunicação háptica. Desse modo, constatamos alterações articulatórias decorrentes do efeito da modalidade tátil nos sinais da libras tátil realizados por surdocegos e guias-intérpretes.

Trouxemos aqui apenas um dos aspectos estudados em um trabalho de pesquisa mais amplo, que indica que o efeito de modalidade pode estar criando condições de

percepção que determinam variações articulatórias entre os sinais da libras e da libras tátil. Como se trata de tema pouco explorado, a ampliação dos estudos linguísticos sobre a libras tátil para elucidar os efeitos dessa modalidade sobre o espaço de sinalização se faz necessária. As funções do espaço de sinalização em libras tátil ainda não foram plenamente identificadas, assim como as diferenças no uso desse espaço por surdocegos congênitos e com surdocegueira adquirida, podendo ser foco de estudos futuros na área.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. G. A educação de surdocegos: novos olhares sobre a diferença. *In*: ALMEIDA, W. G. (org.). *Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente* [online]. Ilhéus: Editus, 2015. p. 163-194.
- ARAÚJO, A. D. S. *As expressões e as marcas não-manuais na língua de sinais brasileira*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- ARAÚJO, M. N. O. *Os espaços na Libras*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- BERNARDINO, E. L. A. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/230838666_O_uso_de_classificadores_na_Lingua_de_Sinais_Brasileira. Acesso em: 18 ago. 2021.
- BONO, M. *et al.* Tactile Japanese Sign Language and Finger Braille: An Example of Data Collection for Minority Languages in Japan. *In: Proceedings of the 2018 LREC conference*, 2018.
- CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. *Descobrimos a surdocegueira: educação e comunicação* 2. ed. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- CANUTO, B. S. *et al.* *Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdocegueira*. Petrópolis: Ed. Arara Azul, 2019.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: EdUSP, FAPESP, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001. v. 2: Sinais de M a Z, p. 835-1620
- CHECCHETTO, A. *et al.* The language instinct in extreme circumstances: The transition to tactile Italian Sign Language (LIST) by Deafblind signers. *Glossa: a journal of general linguistics*, v. 3, n. 1: 66, p. 1-28, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5334/gjgl.357>

COLLINS, S.; PETRONIO, K. "What happens in Tactile ASL?". Deaf-blind culture and community. 45. 1998. Disponível em: https://digitalcommons.wou.edu/dbi_culture/45/. Acesso em: 14 jul. 2020.

DIAS-JÚNIOR, J. F.; SOUSA, W. P. A. *Libras III*. UFPB, 2017.

DORADO, M. G. Sistemas de comunicación de personas surdociegas. In: GÓMEZ VINÃS, P.; ROMERO REY, E. (coord.). *La sordoceguera: um análisis multidisciplinar*. Madrid: ONCE, 2004.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma Gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GABARRÓ-LÓPEZ, S.; MESCH, J. *Conveying Environmental Information to Deafblind People: A Study of Tactile Sign Language Interpreting*. 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/feduc.2020.00157/full#B7>. Acesso em: 23 fev. 2021.

GALVÃO, N. de C. S. S. *A comunicação do aluno surdocego no cotidiano da escola inclusiva*. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KARNOPP, L. *Fonética e fonologia*. Florianópolis: UFSC, 2006.

LAGATI, S. *Deaf-Blind or Deafblind International Perspectives on Terminology*. Tradução Laura L. M. Ancillotto. São Paulo: Projeto Ahimsa/Hilton Perkins, 2002 [1995].

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL (Libras articulatory components and SEL writing). *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 17, n. 2, p. 103-122, jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3LJNoI3>. Acesso em: 21 jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v17i2.5338>.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *Revel*, v. 10, n. 19, 2012.

LANGVIN, R.; FERREIRA-BRITO, L. *Negação em uma língua de sinais brasileira*. Anais do XI Encontro Nacional de Lingüística. PUC/SP, 1988.

LOURENÇO, G. *Concordância, caso e ergatividade em Língua de Sinais Brasileira: uma proposta minimalista*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MARINHO, M. L. *Língua de Sinais Brasileira: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF*. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MESCH, J. *O uso do espaço de sinalização nas línguas de sinais tácteis: ação construída co-formada*. YouTube, 22 de out. de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IUWG-xb0jtl>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MESCH, J. Tactile sign language: turn taking and questions in signed conversations of deaf-blind people. *In: International Studies on Sign Language and Communications of the Deaf*. Hamburg: Signum, 2001. v. 38.

MIRANDA-OLIVEIRA, E. A. *Tateando a língua: um estudo linguístico sobre a libras tátil*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

NASCIMENTO, S. P. F. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira*. Uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

OLIVEIRA, E. A. M.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras Tátil: um estudo bibliográfico. *In: XIX SPLIN*, 2020, São Carlos. *Anais eletrônicos do XIX SPLIN*. São Carlos: UFSCar. Disponível em: <https://ufscarsplin.wordpress.com/anais/>. Acesso em: 29 out. 2021.

PIZZIO, A. L. *et al. Língua Brasileira de Sinais III*. UFSC. 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3wJKhvy>. Acesso em: 12 jul. 2021.

PRADO, L. *Sintaxe dos determinantes na língua brasileira de sinais e aspectos de sua aquisição*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2014.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Efeitos de modalidade de língua: as línguas de sinais. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 168-178, jun. 2006.



QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAANES, E. Tegnrom og taktilt tegnspråk. *Norsk Lingvistisk Tidsskrift*. Årgang 29. p. 54-86, 2011.

WILLOUGHBY, L. *et al.* Tactile sign language. DOI: <https://doi.org/10.1075/hop.21.tac1>. Published online: 10 December 2018. *Handbook of Pragmatics*. 2018. v. 21.

XAVIER, A. LIBRAS – Aula 09 – A linguística das línguas de Sinais I – Propriedades das línguas naturais. 2016 Vídeo: 20:58. YouTube.